

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

JOVANCA KAMIZI ICHIKAWA

***NIHONJIN E CORAÇÕES SUJOS: UMA TEMÁTICA E DUAS VISÕES***

CURITIBA  
2018

JOVANCA KAMIZI ICHIKAWA

***NIHONJIN E CORAÇÕES SUJOS: UMA TEMÁTICA E DUAS VISÕES***

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Naira de Almeida Nascimento

CURITIBA  
2018

JOVANCA KAMIZI ICHIKAWA

*NIHONJIN E CORAÇÕES SUJOS: UMA TEMÁTICA E DUAS VISÕES*

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Curitiba, 15 de agosto de 2018.

---

Profa. Dra. Naira de Almeida Nascimento – UTFPR  
Orientadora

---

Prof. Dr. Wellington Teixeira Lisboa – UTFPR – Avaliador

---

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima - Avaliador

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

Dedico a todos os professores do curso, que foram tão importantes nessa minha etapa acadêmica e em especial a minha orientadora por ter sido extremamente importante no desenvolvimento desta monografia.

À minha família pela compreensão que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu concluísse o curso.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço ao meu marido pela paciência e disponibilidade em levar e buscar-me durante todo o curso, sem ele eu não teria dado esse primeiro passo, portanto foi fundamental para essa etapa da minha vida.

Agradeço a professora Dra. Naira de Almeida Nascimento, pela sua dedicação, pela orientação deste trabalho, pelo suporte, correções e incentivos, não há palavras que mensurem o quanto foi importante ter sido ela a minha orientadora.

A esta universidade pela oportunidade de fazer o curso e pela qualidade de ensino.

Aos meus colegas de curso em poder conviver com eles durante a realização desta especialização.

*“O tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo.”*

*(Machado de Assis)*

## RESUMO

ICHIKAWA, Jovanca Kamizi. **Nihonjin e Corações Sujos: uma temática e duas visões**. 2018. 52 f. Monografia de especialização em Língua Portuguesa e Literatura – Programa de pós-graduação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

As obras *Nihonjin*, de Oscar Nakasato, publicada em 2011, e *Corações Sujos*, de Fernando Morais, publicada em 2000, possuem uma mesma temática referente aos conflitos relacionados à Shindo Renmei dentro da comunidade japonesa no Brasil, porém divergem em sua construção narrativa, proporcionando ao leitor interpretações distintas. Por esta razão, a presente pesquisa buscou analisar o romance *Nihonjin* a partir do conceito de romance histórico descrito por Gyorg Lukács (2011), utilizando a pesquisa descritiva de cunho bibliográfico. Para Lukács, o importante para o romance histórico é trazer a essência da existência das personagens históricas para a literatura e conseguir evidenciar a realidade histórica através das personagens ficcionais. Já no romance *Corações Sujos* buscou-se analisar o conceito de romance-reportagem descrito por Rildo Cosson (2001). Para este autor, a marca do romance-reportagem são as verdades factuais, uma narrativa construída a partir de testemunhos de uma realidade ocorrida, formando uma teia de facticidade, porém diferenciando-se da reportagem “comum” por apoiar-se não somente na veracidade e cruzamento dos fatos, mas fundamentalmente na mimese e na verossimilhança. Na análise, contempla-se como as características específicas de cada subgênero apresentam-se nas obras, com o objetivo de elucidar como cada um destes elementos favorece a distinção da compreensão do mesmo evento em cada obra. Observou-se, assim, que *Nihonjin* (2011) apresenta um aspecto mais flexível e humanizado e *Corações Sujos* (2000) um aspecto mais inflexível e estereotipado em relação ao conflito com a Shindo Renmei.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance Histórico. Romance-Reportagem. *Corações Sujos*. *Nihonjin*.

## ABSTRACT

ICHIKAWA, Jovanca Kamizi. **Nihonjin and Corações Sujos: One Theme and Two Views**. 2018. 50.f. Monografia de especialização em Língua Portuguesa e Literatura – Programa de pós-graduação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

In reading the works *Nihonjin* and *Corações Sujos*, it is observed that they have a chapter with the same theme; however, diverge in their narrative construction which gives the reader a different understanding. The present research sought to analyze the novel *Nihonjin*, by Oscar Nakasato, published in 2011, from the concept of historical novel described by Gyorg Lukács (2011). For Lukács the important thing for the historical novel is to bring to the literature the essence of the existence of the historical characters, to be able to evidence the historical reality, through the fictional characters. In the novel *Corações Sujos*, by Fernando Morais, published in 2000; sought to analyze from the concept of nonfiction novel described by Rildo Cosson (2001). For Cosson, the mark of the nonfiction novel is the factual truths, a narrative constructed from evidences of a truly occurring reality, forming a web of facticity, but differentiating itself from the "common" reporting, for relying not only on veracity and intersection of facts, but fundamentally in mimesis and verisimilitude. In the analysis is contemplated how each aspect is presented in the works, with the objective of presenting how each one of these elements favor the distinction of the understanding of the same event in each work. *Nihonjin* (2011) presents more flexible and humanized aspect, *Corações Sujos* (2000) more inflexible and stereotyped aspect in relation to the conflict with Shindo Renmei. The method used was a descriptive bibliographic search.

**KEYWORDS:** Historical Novel. Nonfiction Novel. Nihonjin. Corações Sujos.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 CORAÇÕES SUJOS – A HISTÓRIA DA SHINDO RENMEI</b> .....	13
1.1 BREVE RESUMO .....	13
1.2 CORAÇÕES SUJOS COMO ROMANCE REPORTAGEM .....	14
1.1 O MANIQUEÍSMO .....	23
<b>2 NIHONJIN - O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO</b> .....	28
2.1 BREVE RESUMO .....	28
2.2 NIHONJIN COMO ROMANCE HISTÓRICO.....	29
<b>3 UMA TEMÁTICA E DUAS VISÕES</b> .....	39
3.1 ASPECTOS DIVERGENTES NOS SUBGÊNEROS .....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	52

## INTRODUÇÃO

A migração japonesa para o Brasil começou no início do século XX, quando o Japão estava em dificuldades econômicas porque vinha do Período Edo,<sup>1</sup> quando o país tinha ficado isolado do mundo. Dessa forma, o governo japonês incentivou a emigração de seus habitantes por meio de contrato com outros governos e assim muitos japoneses acreditavam que, no Brasil, teriam oportunidades de juntar dinheiro e levar recursos para sua pátria.

As obras de Oscar Nakasato e Fernando Morais, respectivamente *Nihonjin* (2011) e *Corações Sujos* (2000), retratam o patriotismo, as expectativas, a cultura, a transformação cultural, as dificuldades e a decepção japonesa em solo brasileiro. São obras escritas de maneiras e com propósitos diferentes, seus autores também possuem perfis distintos, que transformam e dão aspectos a uma narrativa recriando e apresentando os fatos.

*Nihonjin* (2011) tem um traço romântico. Através da ficção retrata toda a trajetória de uma família não descuidando de narrar o contexto histórico de uma época marcada por uma disputa sangrenta dentro da comunidade japonesa. *Corações Sujos* foi escrito por um jornalista. É uma obra que foca mais no aspecto divergente da seita japonesa fundada no Brasil, em uma época de conflito cultural e guerra entre os próprios membros das comunidades japonesas aqui existentes.

Considerando que o Brasil estava em um período em que recebia muitos imigrantes, havia assim um conflito cultural e principalmente a hostilidade dos donos da casa. Isso ocorreu durante a ditadura do estado novo de Getúlio Vargas, quando o governo fez imposições que dificultaram muito o acesso às informações necessárias para estes povos. Faz parte das duas obras histórias de homens que acreditavam fielmente em suas convicções. Não havia um espaço para questionamentos e dúvidas, e diante disso criaram uma trajetória de sangue. É dentro dessa trajetória, desse embate cultural que as narrativas se fundem e, ao mesmo tempo, distanciam-se. *Nihonjin* (2011) foi escrito onze anos depois de *Corações Sujos* (2000). É inevitável a semelhança entre personagens fictícios e reais que estas obras estabelecem. Elas dialogam e fazem parte da História, tornando-as peculiarmente importantes.

---

<sup>1</sup> Período da história do Japão compreendido entre os anos de 1603 a 1868, liderado pela dinastia xoguns Tokugawa, iniciada por Tokugawa Ieyasu em 1603.

Diante do mesmo panorama histórico que as duas obras narram, sendo *Nihonjin* (2011) contado ficcionalmente muitos anos depois, percebe-se que há uma reflexão sobre esses valores, o que representa maior flexibilidade de interpretação sobre os fatos históricos, tratando-se de um romance histórico contemporâneo. Já *Corações Sujos* (2000) apresenta-se como um romance-reportagem, baseado em acontecimentos reais, em que o autor concentra-se nos fatos e conta-os de maneira literária, ou seja, faz uma apresentação interpretativa do real.

Portanto, pretende-se mostrar que uma obra de ficção sendo um romance histórico, é desenvolvido a partir de textos já lidos, histórias já ouvidas, filmes já assistidos como é o caso de *Nihonjin* (2011) em que a personagem Hideo, embora criação da mente do autor, é uma personagem “verdadeiramente” existente em muitos japoneses que aqui viveram.

Com o trabalho poderemos mostrar que as personagens são almas conflitantes da existência de uma convicção cultural, mostrando como a cultura japonesa foi fortemente transformada, como essa transformação afetou e influenciou as comunidades nipônicas, assim, todos os aspectos existentes nas personagens são fatos que podem ser interpretados conforme a composição do autor.

Desta forma, quando a ficção aborda aspectos verídicos torna-se pertinente a valorização e conhecimento de uma literatura que emerge os questionamentos e o senso crítico do leitor. Embora as duas obras falem de personagens “cegos” por seus ideais, a imagem que é transferida ao leitor é construída de forma consistentemente diferente que faz com que a “mesma figura” torne-se quase vítima em uma obra e agressor em outra. Cabe ainda destacar que a importância de se desenvolver essa pesquisa centra-se no empenho de compreender os traços da notícia em um romance-reportagem e o traço cultural no romance histórico. Assim, para o desenvolvimento do trabalho, iremos dividi-lo em três capítulos.

No primeiro capítulo, será abordada a obra *Corações Sujos* (2000), de Fernando Moraes. Será composto de um breve resumo e descrição das características na obra que a tornam um romance-reportagem. Falaremos um pouco mais sobre as personagens e como esse subgênero utiliza-se do maniqueísmo para dar forma às impressões que nos são transmitidas. Também buscaremos como a construção narrativa, a escolha de vocabulário e a forma do romance impedem a flexibilização das personagens, além de como os fatos apresentados chocam dessa maneira a opinião pública.

No segundo capítulo, será abordada a obra *Nihonjin* (2011) de Oscar Nakasato, compondo-se também de um breve resumo e características na obra que a fazem tornar-se um romance histórico. Buscaremos a identidade e a construção do sujeito na obra. Discutiremos como o livro se constrói a partir da flexibilidade da estética que o gênero permite e da inflexibilidade que a personagem transmite por suas questões culturais. Dessa forma, buscaremos entender como a construção da narrativa, a escolha de vocabulários e forma do romance proporciona uma personagem mais humanizada para a literatura.

No terceiro capítulo, discutiremos a aproximação e a distinção entre os subgêneros, que apesar de estarem aparentemente afastados em propósitos, constroem-se em torno do mesmo episódio, causando diferentes impressões em quem tem a oportunidade de ler as duas obras.

Por fim, apreenderemos que o criar é um ato consciente, que pode ser muitas vezes fundido a um estereótipo criado a partir de outras narrativas. A discussão e interesse nos dois subgêneros, tendo como princípio básico a assimilação de como se deu o processo, contribuirá para o entendimento da relação romance histórico e romance-reportagem.

## 1 CORAÇÕES SUJOS: A HISTÓRIA DA SHINDO RENMEI

*Corações Sujos: A história da Shindo Renmei*, é um romance escrito por Fernando Morais, publicado pela Companhia das Letras em 2000. Ganhou o prêmio Jabuti de melhor reportagem em 2001. Foi adaptado para o cinema pelo cineasta Vicente Amorim em 2011.

### 1.1 BREVE RESUMO

A obra discorre principalmente sobre a organização *Shindo Renmei* “Liga do caminho dos súditos” (organização fundada por imigrantes ex-militares do exército imperial japonês no Brasil). Eles recusavam-se a acreditar na rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial. O fato de haver os que aceitavam e os que não acreditavam, culminou na divisão da comunidade japonesa, formando-se assim dois grupos: os *kachigumi* (“vitoristas” os que acreditavam na vitória do Japão) sendo aproximadamente 80% da comunidade, e os *makegumi* (“derrotistas” os que sabiam que o Japão havia perdido), estes apelidados de Corações Sujos, pelos seguidores da *Shindo Renmei*, e acusados de traição à pátria pelo crime de crer que o Japão havia se rendido.

O livro relata o período político da época, a imposição do governo brasileiro sobre os imigrantes, a discriminação por parte de muitos brasileiros, o planejamento e execução das mortes pela *Shindo Renmei*, o patriotismo e a dificuldade de adaptação de alguns japoneses a cultura local. Além disso, a obra contém um panorama da parte histórica da Segunda Guerra Mundial, na qual apresenta como o Brasil posicionou-se perante a guerra e como as decisões políticas foram afetando a comunidade tanto brasileira quanto japonesa na ocasião. Portanto, a obra leva o leitor a conhecer além do panorama histórico da época, o conhecimento minucioso dos passos dos criminosos da *Shindo Renmei* e do desespero de suas vítimas.

Conforme Morais (2000, p.331), o episódio relatado no romance ocorreu em treze meses, de janeiro de 1946 a fevereiro de 1947, em que 147 pessoas ficaram feridas e 23 foram assassinadas pelos *tokkotai* (militantes da seita) da *Shindo Renmei*, que só cessaram com a intervenção da polícia. Foram 31.380 imigrantes fichados, 1.423 acusados e 381 condenados, posteriormente anistiados nos anos 50 pelo governo de Juscelino Kubitschek.

## 1.2 CORAÇÕES SUJOS COMO ROMANCE-REPORTAGEM

O gênero romance-reportagem situa-se entre dois discursos: o literário e o jornalístico, que segundo Cosson (2001), fatos comprováveis à maneira de uma reportagem, são apresentados com técnicas narrativas tipicamente ficcionais. Partindo dos estudos de Cosson (2001), verificamos que esse subgênero tem seu auge na década de 1970, como explicação sugere-se a adoção de um modelo literário norte-americano, o romance de não-ficção que surgiu em 1966 com Truman Capote, e a censura existente nesse período no Brasil, pois, repórteres eram impedidos de escrever o que sabiam, levando-os assim a usar a literatura como meio de reportar.

O romance *Corações Sujos* (2000), relata a história pautada em depoimentos colhidos através de entrevistas que o autor da obra fez durante anos, sua estrutura contém marcações que podemos denominar como características que compõem o estilo romance-reportagem. São essas marcas que evidenciam o estilo e dão forma a uma narrativa que expõe os fatos de forma que os tornam semelhantes a credibilidade de um jornal correspondente a sua época.

Conforme propõe Pereira Lima (2001, p.51), devido à variedade do livro-reportagem pode-se classificá-los em treze grupos. Dessa forma, a obra escolhida encaixa-se na classificação livro-reportagem-história por dois motivos: por retratar um episódio histórico ligado estreitamente à Segunda Guerra Mundial e por abarcar questões sociais, culturais e políticas. Assim, iremos buscar as características tanto pelos estudos de Cosson (2001) quanto pelos de Pereira Lima (2009), e traçar dessa forma a composição na qual faz o romance de Moraes (2000) ser um romance-reportagem.

O livro é dividido em nove capítulos, e segue uma narrativa basicamente cronológica dos acontecimentos, uma das características desse subgênero. Além disso, está escrito em terceira pessoa predominando o discurso direto, que proporciona ao leitor “sentir”, “vivenciar” o ocorrido. A marca do romance-reportagem são as verdades factuais, ou seja, é uma narrativa com testemunho de uma realidade verdadeiramente ocorrida, formando uma teia de facticidade, porém diferenciando-se da reportagem “comum”, por apoiar-se não somente na veracidade e cruzamento dos fatos, mas fundamentalmente na mimese e na verossimilhança, de acordo com Cosson (2001).

Portanto, o romance-reportagem apresentará os elementos que legitimam os relatos, porém, de forma que a subjetividade será ocultada por um conjunto de processos narrativos realistas. (COSSON, 2001 p.36).

Cosson (2001) compreende os processos narrativos realistas como substitutos discursivos das técnicas de controle da subjetividade, proporcionando encaixe entre o discurso ficcional e a diegese factual do gênero romance-reportagem. Assim ele dividiu estes processos em dois grupos: o primeiro que são processos que dão coerência à narração dando o “efeito” real, e o segundo que são processos que autenticam a narração, todos eles ajudam a sustentar a mimese e a verossimilhança da verdade factual.

Do primeiro grupo podemos destacar a motivação psicológica, a validação do discurso, a circulação de informação e o registro da fala dos personagens; já do segundo grupo destacamos a localização espacial, datação, utilização de documentos, entidades e referenciais históricas. A seguir utilizando-se desses processos narrativos realistas, iremos identificá-los na obra *Corações Sujos* (2000) apontando-os como características que classificam a obra como romance-reportagem.

No primeiro capítulo do livro, evidencia-se a manhã em que o imperador japonês que era considerado um Deus pelos japoneses, anunciava a rendição do Japão às forças aliadas na Segunda Guerra Mundial e renunciava à divindade deixando os japoneses perplexos, era um período conturbado devido fim da guerra, na qual os japoneses escutavam pela primeira vez que o Japão havia perdido, o pronunciamento do imperador Hiroito foi ouvido também no Brasil através da rádio, a declaração posteriormente viria ser o centro alvo do conflito que se instalaria na comunidade nipônica.

A característica primária do gênero romance-reportagem, segundo Pereira Lima (2004), é a busca do aprofundamento na cobertura da realidade, a partir do contexto relatado acima sobre a Segunda Guerra Mundial, a narrativa irá discorrer sobre como os japoneses receberam essa informação, o porquê não acreditaram, e quem são estas personagens que fomentaram as desavenças dentro da comunidade nipônica e como fizeram isto. A característica secundária é a direção que esse aprofundamento toma, a elasticidade do gênero. Em *Corações Sujos* (2000), o autor direcionou esse aprofundamento ao revelar o caráter político envolvido no evento, evidenciando também a denúncia social.

Sendo o objetivo do gênero tornar a narrativa real, o uso predominante do discurso direto faz-se necessário para criar uma atmosfera na qual não se perceba a interferência do autor. É a partir do registro das falas destes personagens que temos contato com a linguagem de um grupo ou de uma classe social. Por exemplo, na fala:

“Olha aqui, cambada de bodes: acabou de dar no rádio que o rei de vocês não é Deus merda nenhuma. É gente que nem eu, caga e mijá que nem eu. O Japão perdeu a guerra, vocês agora vão ver quem é que vai botar canga em quem.” (MORAIS, 2000, p.11)

As marcas de linguagem dão o ar da fala informal, o uso de palavras pejorativas, ofensivas e termos como “botar” configuram o registro de uma variação linguística da oralidade. Assim, esse recurso traz um efeito de proximidade e passa a impressão de que não ocorre uma mediação. A partir daí, a narração vai encaminhando o leitor para um ambiente hostil em que a comunidade japonesa está inserida, porém ao mesmo tempo que demarca a hostilidade para com os asiáticos, a obra descreve as ações dos orientais como uma espécie de alienação. Isso é comprovado quando o intérprete Okazaki sugere ao subdelegado Soares que pergunte aos detidos quem ganhou a guerra, as respostas são tão convictas que apresentam um povo desprovido de informações.

Essa contraposição de ora mostrar os japoneses sendo insultados, ora mostrar que eles ignoram certos conhecimentos, tira o foco da imagem que poderia encaminhar o leitor a considerar os japoneses vítimas. Outro exemplo, é quando os sete japoneses vão atrás do cabo Edmundo e chegam à delegacia dando voz de que foram lá apenas para matar o sujeito. Isso soa como uma arrogância em lugar de uma peculiar ingenuidade, pois, descreve os japoneses acreditando quem têm o direito de tirar a vida de alguém por sentirem-se ultrajados, e não por defesa de honra ou vingança.

A motivação psicológica como sendo um dos elementos do processo narrativo realista é acompanhada pelas passagens na qual comprovadamente as falas diretas das personagens demonstram que acreditam que o imperador é de fato um Deus, e por esse motivo o Japão nunca haveria de perder uma guerra. Portanto, isso explica a convicção extrema da posição dos japoneses em não acreditar minimamente na suposta rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial.

Além disso, a cultura rígida e a existência de um ex-coronel do Exército Imperial japonês ter conquistado o prestígio desse povo e saber liderar fez com que a



comunidade japonesa que sofria a devastação da ditadura apoiar-se psicologicamente em uma figura que representava a segurança a qual estavam sentido falta, afinal os diplomatas japoneses haviam abandonado todos os japoneses no Brasil, deixando-os sem qualquer suporte político.

Os imigrantes se ressentiam do que era tido como falta de patriotismo dos diplomatas japoneses, que deixaram o país imediatamente após o rompimento de relações com o Brasil, abandonado mais de 200 mil japoneses à própria sorte. (MORAIS, 2000, p.63).

Assim, o que o coronel Kikawa dizia era considerado verdade absoluta, não deixando sequer rastro de dúvidas para maioria dos japoneses, salvo apenas aqueles que haviam aprendido o idioma português e que de alguma maneira estavam inseridos também na cultura brasileira e podiam dessa forma tomar conhecimento do que realmente estava acontecendo no mundo.

A validação do discurso se dá nos primeiros capítulos pelo entrelaçamento da história que envolve a Segunda Guerra Mundial e o ocorrido em São Paulo na comunidade japonesa. O autor busca estratégias para imergir o leitor no período da guerra, proporcionando um ambiente de tensão que vai encaminhando-nos para a compreensão da situação existencial da época. A narrativa permite ao mesmo tempo entender o processo histórico e conhecer a movimentação das personagens envolvidas, tudo isso através do entrecruzamento da narração e dos diálogos diretos, que vão repetindo-se e tornando as informações mais completas.

Um delegado distribuiu aos soldados e investigadores cópias mimeografadas da ordem que seria entregue aos moradores, àquela hora, de mão em mão: uma portaria do DOPS determinando que, “por razões de segurança nacional”, todos os súditos do Eixo residentes nas duas ruas deveriam “evacuar” os imóveis em doze horas. À pergunta que se repetia em todas as portas – “Mas mudar para onde?” –, os policiais respondiam sempre da mesma forma: “isso não é problema nosso. (MORAIS, 2000, p.53).

A circulação de informação é outro processo narrativo realista utilizado para que o autor mantenha-se distante do risco de uma subjetividade. Dessa forma, o autor coloca as personagens na função de circular as informações, usa-as como fonte e garante a coerência e autenticidade do que está sendo narrado.

Abaixo podemos notar que o nível do conflito era de grande provocação entre brasileiros e japoneses:

Quando o dia clareou um grupo de brasileiros tomava café da manhã no Bar do Ponto. O assunto de todas as mesas era, naturalmente, o crime da noite anterior e os atentados contra Abe e Suzuki. Ao aproximar-se de uma das mesas com uma cesta de pães, o dono do bar, Takeiko Massuda, foi provocado por um brasileiro: “Abre o olho, japonês, porque o povo está doido para pegar um de vocês para vingar a morte do Nego.” ...“Vingar o Nego por quê? Além de brasileiro, ele era preto. Por mim podia matar uns dez vagabundos desses que dava na mesma...” (MORAIS, 2000, p.239).

Nesse episódio, é possível através dos diálogos perceber que o clima, não somente dentro da comunidade japonesa mas também da brasileira, era muito tenso, pessoas comuns livre de qualquer caráter agressivo estavam transtornadas. É através dessas cenas que o autor informa aos leitores o quão trágica estava a situação e que a comunidade brasileira tinha ido a forra contra os japoneses.

O livro vai marcando as datas como 1º de janeiro de 1946, data em que o Imperador Hiroíto fez o pronunciamento, como forma de autenticação de que o fato ocorreu exatamente naquele dia e conforme relatado. Além disso, é feito uso de imagens reais dos japoneses logo após serem soltos.

A imagem com a posição e fisionomia dos indivíduos criam o ar de arrogância e prepotência dos envolvidos, retiram assim a possibilidade do leitor captar que eles estavam de certa forma apenas comemorando o ano novo conforme calendário japonês, e que os brasileiros foram até eles depreciar e por fim humilhando-os pisando na bandeira japonesa.

É importante notar que as fotografias dos imigrantes japoneses, incluindo dos integrantes da seita, das vítimas assassinadas e das fachadas pichadas com ameaças, proporcionam o impacto à narrativa tornando-a assim realista. No romance estão incluídos ainda como anexos, imagens de recortes dos jornais, de documentos oficiais, de reportagens fraudadas pela *Shindo Renmei*, de equipamentos, armas, instalações e roupas utilizadas pelos integrantes da seita.

Conforme Pereira Lima (2004) a documentação não só auxilia fundamentando e dando profundidade, mas também proporciona a sustentação da obra. É através dos documentos que o leitor reorganiza as imagens criadas a partir da narração, os documentos fornecem a transposição do imaginário para a materialização.

No final do primeiro capítulo o autor faz um resumo do início da Segunda Guerra Mundial até o posicionamento do Brasil quando é decretado seu rompimento de relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, a Itália e o Japão. Percebe-

se que, embora haja uma narrativa de um contexto histórico, sutilmente é apresentado como era a relação dos japoneses para com os acontecimentos em território brasileiro. “Os imigrantes das primeiras levadas foram contemporâneos *indiferentes* de algumas das mais importantes crises e mudanças políticas ocorridas no Brasil do século XX.” (MORAIS, 2000, p.33 grifo meu).

Também demonstra que algumas medidas tomadas pelo governo brasileiro não tinham um propósito atingir especificamente os japoneses, ao contrário, eles nem eram mencionados como mostra o seguinte trecho: “Sem terem sido sequer mencionados pelo presidente, os japoneses de São Paulo respiraram aliviados. Mas seria por pouco tempo.” (MORAIS, 2000, p.37)

Através desta construção narrativa induz-se que a comunidade japonesa é atingida indiretamente pela necessidade da criação de decretos feitos para evitar disseminações comunistas da União Soviética, como foi o caso do decreto de 1938 que proibia publicações em línguas estrangeiras sem prévia permissão do Ministério da Justiça.

Somente ao ser publicado o endurecimento das restrições é que efetivamente apresenta a comunidade japonesa como vítima da ditadura e mesmo assim é no início suavizado o pesadelo a qual foram submetidos, conforme o trecho: “Japonês continua podendo fazer tudo: pode trabalhar, pescar, jogar futebol. Só não pode falar japonês. E quem não souber português não pode falar nada.” (MORAIS, 2000, p.46).

A partir dos dados históricos mencionados, podemos entender o que Pereira Lima (2004) menciona sobre – visão pluridimensional simultânea – que ao contrário do jornalismo cotidiano, o romance-reportagem consegue observar uma realidade na dimensão ampliada perceptível pela ciência moderna. Não é mais apenas um imaginário como ficção, mas com fatos históricos e fatos reais que ele nomeou como elementos que ajudam a explicar o real num contexto total.

É dessa forma que os elementos fundem-se ao evento, proporcionando uma visão multidimensional na percepção do que se é tratado no romance-reportagem. Esses componentes resgatam a memória assim como a documentação dando maior potencialidade a narrativa.

A autenticação da narração, como já mencionado, é feita através dos documentos e datações, além disso, a descrição e nomes dos lugares é uma forma de manter o leitor informado e assim poder administrar o efeito do real. Ao descrever

e nomear os locais onde se desenrola a ação temos a dinâmica e a ambientação de como as cenas desdobram-se.

Até as dez horas da noite, o dia 6 de março de 1946 foi exatamente igual aos outros para Ikuta Mizobe. Ele acordou cedo, barbeou-se, aparou o bigodinho fino e saiu para a Cooperativa. *No caminho passou no hospital* para ouvir as novidades no rádio do dr. Hamano, trabalhou até o meio-dia e almoçou lá mesmo, *no escritório da CAB*, comendo no bento, a marmita japonesa que a mulher preparara. (...) Às onze da noite, quando as visitas decidiram ir embora, já fazia duas horas que a morte estava escondida *nos arbustos da casa*, encarnada na pessoa do motorista, verdureiro e professor de esgrima Satoru Yamamoto, de 27 anos. (MORAIS, 2000, p.139 grifo meu)

Além disso, para completar esse processo de autenticação da narração, o autor faz uso da utilização de entidades como DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) que era um órgão do governo, que tinha a função de assegurar e disciplinar a ordem militar no país. Segundo Cosson (2001) tanto as entidades quanto as referências históricas garantem a autenticidade do lastro histórico emprestado a narrativa.

É importante ressaltar também que a partir das imposições aos estrangeiros e da situação de conflito que se estendeu a comunidade brasileira podemos entrar na questão da denúncia social, que é acima de tudo uma característica extremamente importante nesse subgênero, porque sem que a voz do autor esteja explícita, há uma mensagem implícita exposta para qual a atenção do leitor é atraída.

Conforme Cosson (2001) a denúncia social é marca pragmática do gênero romance-reportagem, e deve ser tratada como um fator estratégico na construção da narrativa, podendo ser considerada como característica de determinada forma de narrar, que varia conforme autor e assunto abordado.

Portanto, a obra *Corações Sujos* (2000) traz a tona a questão da xenofobia, sofrida não só pelos japoneses, mas também dos japoneses para com os italianos e negros. Outro aspecto são o abuso de autoridade, as questões da ditadura e a corrupção, na qual a denúncia social na obra tem como ponto central a questão política.

O abuso de autoridade é denunciado já no primeiro capítulo, quando o cabo chega fazendo uso de violência e posteriormente desrespeita a cultura japonesa, provocando intensamente um sentimento de raiva e humilhação nestes.

A bandeira é sagrada, é? Pois olha aqui o que eu faço com a sua bandeira, seu bode fedorento: limpo merda de vaca da minha bota!" Agachou-se e, às

gargalhadas, esfregou o pedaço de seda branca e vermelha nos coturnos imundos, enquanto dava ordens para seus subordinados: “Peguem os mais enfezadinhos e botem no caminhão. Vamos leva-los para o xadrez. E cobrem dez cruzeiros de cada um pela condução daqui até Tupã. (MORAIS, 2000, p.12)

A xenofobia é alimentada com a proibição do ensino da língua japonesa a qualquer criança menor de dez anos, não importando sua nacionalidade, assim como, japoneses eram varridos de suas casas e seus bens parcialmente confiscados, aos poucos o clima entre brasileiros e japoneses tornavam-se sombrios o que incitava de certa forma a violência, como podemos verificar no trecho a seguir: “O sentimento antiestrangeiro aumentava na mesma proporção entre os brasileiros, o que podia ser visto até nas pequenas notas perdidas nas páginas policiais dos jornais.” (...) (MORAIS, 2000, p.54). Até mesmo as autoridades comportavam-se de maneira inadequada para com os imigrantes: “Racista, preconceituoso e imprudente, o delegado decidira isolar, como em um gueto, nada menos que setenta por cento da população da cidade.” (MORAIS, 2000, p.134).

No capítulo seis é possível verificar tal revolta contra os japoneses, quando em Osvaldo Cruz os brasileiros contaminados pela onda de violência, entraram em confronto com japoneses, independente de serem da Shindo Renmei ou não o que culminava a agressão era simplesmente a nacionalidade.

Ninguém parecia querer pegar especificamente esse ou aquele, mas qualquer japonês. Homem, mulher, criança, velho, não importava. Pais de famílias brasileiros invadiam casas tão simples quanto as suas, e de lá tiravam, arrastados pelos cabelos, pais de famílias japoneses humilhados na frente de suas mulheres e de seus filhos. Crianças japonesas viam, aterrorizadas, seus pais serem espancados pelos pais de seus amigos brasileiros. (MORAIS, 2000, p.241)

A atmosfera era extremamente tensa, japoneses foram machucados e uma sangrenta cena é relatada: “A avenida estava cheia de gente, de brasileiros querendo pegar japoneses. O pau comia para todo lado. Um caboclo laçou um japonês e o arrastou pela avenida.” (MORAIS, 2000, p.241). Uma verdadeira guerra em Osvaldo Cruz.

A corrupção fazia parte do cenário, e foi explicitada por meio de provas documentais (fotos das anotações em japonês) com tradução na obra, a forma como é apresentada mascara a intrusão do narrador, naturaliza a denúncia disfarçando-a, como podemos conferir: “A polícia tem recebido muito dinheiro dos japoneses

derrotistas para trabalhar contra a Shindo Renmei. A imprensa, também(...)" (MORAIS, 2000, p.109), em outro trecho diz:

Um derrotista japonês, o "cão policial" Paulo Morita, recebeu muito dinheiro dos derrotistas e distribuiu ao chefe dos inspetores do Serviço Secreto da polícia. É por isso que a polícia está contra a opinião do ministro da Justiça. Isso é lamentável! (MORAIS, 2000, p.112)

Segundo Cosson (2001), a denúncia social quando feita por meio de diálogos não necessita ser explicitada por um narrador intruso. Nesse caso, pode-se dizer que configura-se a mesma situação, pois os recortes traduzidos dispensaram a intervenção do narrador, na qual a denúncia foi feita pela revelação documentada tornando o efeito denunciativo bastante eficaz, uma vez que permite o leitor interpretá-la de acordo com a direção oferecida pelo próprio texto.

A narrativa sobre corrupção na obra é tão complexa que mostra os dois lados envolvidos em uma trama política de corrupção bastante extensa. Se por um lado os derrotistas eram acusados de comprar a polícia e a imprensa, por outro lado o narrador também denuncia o envolvimento da Shindo Renmei com o governador de São Paulo, quando Yutaka Abe recebe ordem de prisão não emitido por um juiz e sim por ordem de alguém da cúpula da polícia.

Não foi preciso muito esforço para chegar à ponta do novelo. Depois de conversar com amigos influentes, Abe espantou-se ao descobrir que a maquinação para colocá-lo na cadeia partira de ninguém menos que o recém-eleito governador de São Paulo, Ademar de Barros. E soube mais: ao mandar prendê-lo, Ademar – que conseguira o apoio eleitoral da Shindo Renmei em troca de favores – pagava à seita uma das muitas promessas de campanha que fizera aos kachigumi. (MORAIS, 2000, p.247).

Também é relevante entender que além das denúncias explícitas e localizadas em trechos ou episódios da obra, a denúncia social também é presente declaradamente na temática ou narrativa como um todo, confere Cosson (2001).

Sendo assim, compreendemos que *Corações Sujos* (2000) carrega ambos os traços, isto é, há uma denúncia explícita em diálogos marcados, e há uma denúncia generalizada quando narra todo o contexto político do período histórico.

Assim, podemos analisar que a obra *Corações Sujos* (2000) desde o início trabalha sobre essa questão de denúncia social, primariamente apontando as questões políticas e autoritárias da época. Depois por envolver imigrantes e o contexto

de Guerra Mundial, apresenta as questões relacionadas a xenofobia e a intolerância em relação as culturas diferentes pertencentes aos estrangeiros que aqui viviam.

Cosson (2001) nos conduz para além da perspectiva do narrador e do leitor na denúncia social, ele evidencia um outro elemento que há entre os dois, o narratário, que é a sociedade, a quem é dirigida a denúncia.

*Corações Sujos* (2000) tem um papel informativo nos colocando de frente a um contexto histórico, a Segunda Guerra Mundial, ao mesmo tempo comunica-nos o ocorrido nas comunidades locais, dessa forma, somos induzidos a dialogar com o narrador refletindo sobre posições ideológicas, sendo importante considerar o lugar na sociedade que cada um ocupa. “A denúncia é social porque, além de se dirigir à sociedade, ela é, também, da sociedade, isto é, o narrador não tem a sociedade apenas como receptora de sua denúncia, mas também como objeto da denúncia”. (COSSON, 2001, p.76).

Pereira Lima (2000) chama atenção para a fruição pelo texto, o fato do subgênero romance-reportagem permitir um alcance maior ao enriquecimento do que é narrado, proporciona ao leitor uma gratificação além daquela conseguida em um reportagem comum. O que segundo Lima (2000, p.138)

O próprio texto jornalístico deve aumentar seu escopo como narrativa, rejuvenescê-lo. A narrativa aqui é entendida como um relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo, pelo espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelos relatos.

Por fim podemos entender que o prazer pelo texto é uma arte que leva ao leitor o conhecimento mais aprofundado de certos acontecimentos, além disso, a escolha de vocabulário juntamente com as denúncias sociais, conduze-nos à novas reflexões. No caso de *Corações Sujos* (2000) possibilita ao leitor refletir sobre vários aspectos. Questionar sobre o papel político, o tema da imigração, da discriminação e das questões sociais da época em relação as atuais.

### 1.3 O MANIQUEÍSMO

Reconhecendo o maniqueísmo<sup>2</sup> como uma filosofia religiosa dualística, implantada por Mani no século III, na qual o filósofo dividia o mundo em bom ou mau e tendo sido esse termo popularizado, passamos a compreender que maniqueísmo torna-se um adjetivo de dois princípios opostos, na qual há sempre uma dualidade entre bem e mal.

Atualmente torna-se impossível abstrair-se deste dualismo, tal aspecto é presenciado em todas as áreas, nem sempre usado de forma proposital ou racional, mas praticamente indissociável a sociedade contemporânea. Quando a concepção de eterna luta entre duas oposições transpassou o campo religioso e acabou por estender-se dos mitos e histórias para contos infantis, filmes, jogos e obviamente principalmente nas obras literárias, esse conceito passou a dividir nossas posições em relação a determinados assuntos.

Muitas vezes esse dualismo é impercebível, porque ele passou a ser parte da nossa vivência, somos condicionados a acreditar em apenas duas posições: a correta e a errada, a boa e a ruim, assim toda e qualquer obra irá transmitir de uma maneira ou outra certa inclinação ou imposição perante determinado assunto, e dessa forma nós receptores a partir de nossas vivências iremos criar um elo com tais características.

A partir desse conceito, buscaremos reconhecer que em uma obra literária do gênero romance-reportagem esse aspecto tornar-se praticamente intrínseco. Uma vez que o autor apresenta a face realista de uma sociedade, dando forma, razão e utilizando-se da dualidade, certamente encaminha nosso entendimento sobre o acontecimento. Por ocorrer uma denúncia social, notoriamente os aspectos descritos propositalmente irão criar a diegese maniqueísta na obra.

*Corações Sujos*, vem de uma realidade factual, narrando um conflito e embora de certa maneira seja exposto os diversos aspectos dessa tensão, propositalmente ou não, há sempre um direcionamento que nos leva a posicionar de forma a criarmos elementos de tipos opostos entre bem e mal.

Podemos observar que já no primeiro capítulo quando são relatado o fanatismo e a alienação dos japoneses, a atmosfera negativa em relação a eles já é

---

<sup>2</sup> Maniqueísmo FILOS Doutrina filosófica fundada pelo profeta Mani, no século III, sobre a qual se fundou o dualismo religioso sincretista. Segundo o qual existe um conflito cósmico de forças antagônicas do bem absoluto e do mal absoluto, sendo que é dever do homem lutar pela vitória do bem. POR EXT Qualquer concepção dualista do mundo em princípios opostos e incompatíveis. Michaellis Online.



criada de forma que mesmo quando o autor descreve a discriminação sofrida pelos japoneses, há um aspecto saciável punitivo ao invés do sentimento de penalização pelo sofrimento a qual vinham passando. Os termos como: “perigo amarelo”, “antijaponês” e “quistos asiáticos” desferidos por homens públicos como citado nas páginas 32 e 252 do livro *Corações Sujos* (2000), dão a dimensão da questão xenofóbica vivida nesse período, e é a partir destes vocábulos que a construção narrativa vai evidenciando uma “tipificação” na qual os japoneses são apresentados com ironia em relação a suas crenças e posteriormente devido suas ações extremistas a dinâmica da narrativa torna-se impossível em reconhecer um outro caráter nestas personagens, justamente porque as mesmas são descritas detalhadamente em suas ações fanáticas e completamente irracionais.

É nesse panorama que a obra apresenta-se de forma inflexível, às imagens propagadas sobre a cultura japonesa, pois estas dão as linhas para a criação do estereótipo nipônico frio, carregado de um patriotismo exacerbado e muitas vezes incompreensível. Falas como as abaixo são transcritas de forma a autenticar a situação da época, embora não esteja explícito o objetivo maniqueísta de tal transcrição, pode-se observar que a mesma acarreta em posicionar o leitor como os japoneses eram “perigosos” a pátria brasileira, uma vez que em todas as página anteriores o leitor já vinha sendo sufocado por palavras que causavam distanciamento dos objetivos nipônicos.

Denuncio à nação que os japoneses ricos de São Paulo, inspirados pelo divino Hiroíto, pretendem ainda criar um novo Japão no Brasil. (...) Não se compreende que representantes do governo cheguem ao ponto de convocar fanáticos sanguinários, que no íntimo nos odeiam, para uma audiência no próprio palácio, como acaba de acontecer em São Paulo. (...) O interventor Macedo Soares, que se mostra tão tolerante em relação aos japoneses fanáticos da Shindo Renmei, não vacila em perseguir operários que reclamam seus direitos. (MORAIS, 2000, p.254-252)

O narrador ainda escreve “Os **fanáticos** *kachigumi* tinham conseguido o prodígio de juntar contra si esquerda e direita, pessedistas e udenistas, no ódio aos japoneses em geral.” (MORAIS, 2000, p.255, grifo meu). Por toda narrativa estes adjetivos são usados discretamente, e juntamente com o relato das ações praticadas por eles torna-se impossível não criar uma atmosfera desfavorável a qualquer outra intenção nipônica.

Um fator bastante relevante, são as imagens selecionadas, são na maioria bastante sérias, não permitindo qualquer sentimento de penalização, nem mesmo as

dos mortos, estas singularmente causam o sensacionalismo em cima da tragédia, não deixando a conotação sentimental evidenciar-se, justamente porque os japoneses mesmo diante da anunciação de morte, portavam-se firmes e convictos de suas posições, o que leva ao leitor apenas a percepção de tamanha frieza.

É importante ressaltar que embora houvesse dois grupos de japoneses que foram denominados “derrotistas” e “vitoristas” sendo os dois opositores, a narrativa não deixa espaço para que haja uma terceira linha de posicionamento, como japoneses do bem e do mal, pois ao criar a teia de facticidade envolvendo a política brasileira, o contexto da Segunda Guerra Mundial e a comunidade brasileira, o foco torna-se impreterivelmente na oposição japoneses fanáticos e o terrorismo causado no Brasil contra a paz e a ordem na região. Isto é, todos os japoneses eram responsáveis pela situação de “guerra” nas regiões onde o questão atingia.

Assim, a conflito interno na comunidade japonesa estende-se para a comunidade brasileira, emaranhando a política local e provocando o caos no estado, conseqüentemente todos os japoneses eram causadores da situação, pois provocavam-se entre si e culminavam a violência dando gastos nos cofres públicos e deixando a comunidade brasileira e políticos enfurecidos.

“É proibida a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e de qualquer procedência”. (MORAIS, 2000, p.291). Ementa 3165, de Miguel Couto Filho, que pretendia resolver definitivamente o que ele chamava de “problema japonês”. Essa extensão de problemas é demarcada na ementa de Miguel Couto descrita acima, pois comprova que independente da posição que um determinado japonês tomasse, ainda assim ele não era bem vindo em solo brasileiro.

Todo esse ambiente hostil que é narrado no livro, vai tecendo a atmosfera que faz com que o leitor se posicione de certa forma distante de uma possível aproximação com o sentimento nipônico.

Por fim, os japoneses nunca conseguiram matar todos que eles haviam marcado, foram inúmeras trapalhadas pois não eram assassinos profissionais, muitos foram julgados e presos, mas nenhum foi expulso do Brasil, assim como Eiti Sakane que nunca foi encontrado.

Essa ineficiência da nosso judiciário e da nossa polícia, e até mesmo toda a maquinação política para que o caso fosse conduzido dessa forma, sugere ao leitor a mensagem de que faltou punição aos membros da seita.

O livro também não retrata como e quando ou a partir de quando a comunidade japonesa soube enfim que o Japão havia realmente perdido a guerra e se rendido, segundo Dezem (2000, p.84) há registros de que mesmo depois das prisões informações falsas continuavam circulando e só após a chegada da primeira leva de imigrantes pós-guerra que essa tensão começou a desaparecer.

O final do livro apresenta claramente a corrupção política, após acordos entre a Shindo Renmei e Ademar de Barros que foi eleito governador de São Paulo, este em troca de votos empenhou-se em solucionar os problemas judiciais e financeiros da colônia. O que demonstra infelizmente que além da seita causar todo o terror nas cidades, ela também contribuía na decadência política brasileira.

Assim, podemos averiguar a hipótese de Pereira Lima (2004, p.61), o livro construído com todas essas informações, preenche as lacunas deixadas pela imprensa ampliando para o leitor a compreensão da realidade. E é dessa maneira que a obra *Corações Sujos* (2000) exerce não somente a função de um romance mas também de uma reportagem completa e complexa, cheia de realidade e viva permanentemente.

## 2 NIHONJIN – O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO

*Nihonjin*, escrito por Oscar Nakasato, é o romance de estreia do autor, publicado pela Editora Benvirá em 2011. Foi vencedor do prêmio Benvirá de Literatura e também vencedor do prêmio Jabuti de 2012.

### 2.1 BREVE RESUMO

Noboru, o narrador é neto de Hideo Inabata, o protagonista imigrante que veio do Japão com o objetivo de conquistar riquezas e voltar para sua terra natal. Ele chega ao Brasil na segunda década do século XX com muitos sonhos, que conforme o tempo passava, foram minados pelo trabalho árduo no campo e a difícil adaptação ao Brasil.

O livro é dividido em sete capítulos, que podem ser lidos como contos autônomos, deixando assim a liberdade para que os leitores pudessem lê-los de forma independente.

A cada capítulo vamos conhecendo a história de Hideo Inabata e sua família. O primeiro capítulo descreve sua chegada, como foi a viagem, as conversas com os outros japoneses que vinham no mesmo navio e seu primeiro casamento com Kimie. Apresenta também aspectos da cultura japonesa assim como a dificuldade enfrentada no novo país. Kimie é descrita como uma mulher frágil até que a morte leva-a lentamente.

O segundo capítulo conta um pouco da família deixada no Japão e do novo casamento de Hideo com Shizue com quem teve seis filhos. O casamento fora arranjado, porém para Hideo havia um sentimento de satisfação, afinal a nova esposa era mais saudável e forte para acompanhá-lo no objetivo pela qual viera.

No terceiro capítulo temos o conflito cultural, no qual um dos filhos mais novos, Haruo, passa a confrontar seu pai a partir do momento em que ele se sente mais brasileiro que japonês. Diante desse impasse, a figura inflexível e patriota de Hideo é exposta na narrativa. O quarto capítulo conta um pouco da história política do período; revela que Hideo já houvera sido preso arbitrariamente segundo ele, além de como e porque associou-se a Shindo Renmei, que é o ponto central que liga as duas obras tratadas nesse trabalho.

No quinto capítulo, temos a história de Sumie uma das filhas de Hideo. Ela é a mãe do narrador, a ligação entre os três traz como ponto alto o conflito de identidade

cultural, as imposições do avô sobre sua mãe e as escolhas que esta faz para sentir-se feliz, mas que afeta diretamente as relações familiares e emocionais das personagens.

O sexto capítulo, assim como o quarto, são os principais para este trabalho, pois relata o drama com a Shindo Renmei, que vai afetar diretamente a família de Hideo. A sua participação na seita tem um papel crucial no episódio que vai apunhalar a família friamente, transformando toda a inflexibilidade da personagem.

O sétimo capítulo é a alma exposta das personagens, é o que podemos chamar de conscientização do ser humano, traz a mensagem de que o tempo, o lugar e o sofrimento podem alterar todo um plano de vida e assim nos atingir sem pedir licença.

Portanto a narrativa conduz o leitor a passear pela história de uma família. Vai atravessando as gerações com relatos dos avós, dos filhos e do neto; que é a voz que reconta a história e transmite o drama dos seus familiares. Não é uma história aprofundada em detalhes, e descrição dos locais e paisagens. A obra traz uma narrativa mais direta e superficial do acontecimento, porém sem deixar de aplicar a essência que torna a obra interessante do começo ao fim.

É uma tradução do dilema vivido por um imigrante, sua perda de identidade, sua busca por um lugar, seus sonhos sendo desmanchados e pior, sua convicção sendo posta à prova. É uma história de desenraizamento, uma extração do seu eu, daquilo que ele acredita e luta por perpetuar. Nossa personagem principal passa por profundas transformações até enfim, contemplar seu amadurecimento na velhice.

A obra *Nihonjin* (2011) reconta portanto a história da imigração japonesa, apresenta seu lirismo ao trilhar pelos conflitos familiares de uma família construída em terra estrangeira, proporciona ao leitor o contato com uma realidade distante ou apenas desconhecida para muitos. Além disso, a obra oferece um vocabulário repleto de termos japoneses, transportando os leitores para um ambiente culturalmente japonês. A riqueza desses detalhes dão a singularidade da obra, trazendo para o plano da ficção um realismo emocional.

## 2.2 NIHONJIN COMO ROMANCE HISTÓRICO

O gênero denominado “Romance Histórico” é evidenciado a partir do trabalho de análise do filósofo Gyorgy Lukács sobre a obra *Waverley* (1814) de Walter Scott,

escritor do século XIX. Lukács (2011) descreveu os romances em dois períodos: o romance social do século XVIII e o romance com a nova percepção histórica que surgiu na Europa após a Revolução Francesa.

Dessa forma podemos entender que Lukács (2011, p.33) considera que o romance histórico é influenciado pelos romances sociais realistas do século XVIII. Assim, para ele, uma obra desse gênero teria como particularidade o retrato fiel de uma época histórica concreta, além de ter o elemento especificamente histórico: homens ativos derivando da especificidade histórica do seu tempo. Ademais configura-se ainda que não seria possível um autor captar e escrever aquilo que é histórico do seu próprio tempo, ou seja, mesmo que ele recontasse elementos do presente dele, a atmosfera histórica não seria verdadeiramente traduzida.

Em *Nihonjin* (2011) de Oscar Nakasato, iremos encontrar uma encenação ficcional que nos fornece passagens importantes da história da imigração japonesa no Brasil, contemplando desta maneira o que Lukács observou na obra de Scott (1814): “Ele procura o “caminho do meio” entre os extremos e esforça-se para demonstrar sua realidade histórica pela figuração ficcional das grandes crises da história inglesa”. (LUKÁCS, 2011, p.49).

É importante observar que Nakasato cria uma obra que conta e reflete toda uma trajetória dos imigrantes japoneses, inserindo o contexto da Segunda Guerra Mundial, o patriotismo nipônico marcante e o conflito sangrento com a seita Shindo Renmei. Dessa maneira podemos traduzir a grande crise da história inglesa para a grande crise da história da comunidade japonesa no Brasil.

O romance *Nihonjin* (2011) evidencia as circunstâncias de lutas de uma classe trabalhadora que migra de um país ao outro sem saber o que lhes espera. A falta de concreticidade gera expectativa e ansiedade, tornando seus indivíduos figuras de uma massa perdida insolúvel a mercê de situações indefinidas, e são essas indefinições que estabelecem a conexão entre a realidade e a perspectiva gerando os diversos conflitos. É a partir destes conflitos que o narrador penetra na história sentindo-a de perto, e isso causa o desejo de “retornar” ao Japão, sem nunca outrora ter ido.

Oscar Nakasato reconta um período histórico de seus antepassados, uma crise na comunidade japonesa de uma época na qual ele não havia nascido ainda. Dessa maneira reescreve fatos relatados por outros meios, interpreta e transforma o enredo em uma história que possibilita ao leitor observar a dinâmica e o desenvolvimento do ser humano, agregando assim uma visão histórica que nos faz

refletir. Essa é uma das características do romance histórico segundo Lukács (2011, p.33). O período histórico retratado não deve ser inteiramente da época do escritor, pois tiraria a compreensão histórica do evento.

No romance histórico, portanto, não se trata do relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas de despertar ficcional dos homens que os protagonizaram. Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica. (LUKÁCS, 2011, p.60).

O herói no romance histórico é caracterizado como sendo mediano, que, segundo Lukács (2011), não fornece uma face heroica nem proporciona grande impacto, porque segue uma linha tênue entre o homem honesto, inteligente e esforçado:

O herói do romance scottiano é sempre um gentleman inglês mediano, mais ou menos medíocre. Em geral, este possui certa inteligência prática porém não excepcional, certa firmeza moral e honestidade que beiram o sacrifício, mas jamais alcançam o nível de uma paixão humana arrebatadora, de uma devoção entusiasmada a uma causa grandiosa. (LUKÁCS, 2011, p.49).

Temos então nosso personagem principal Hideo, imigrante que chega ao Brasil na segunda década do século XX, seguindo orientações do imperador, levar recursos ao Japão, o que configura um sacrifício pelo seu país e por sua família que ficara na terra natal. A personagem Hideo não se apresenta como uma figura devota de uma causa grandiosa, mas sim um homem possuidor de um nacionalismo extremo que por diversas vezes é contraditório em seu discurso ação, pois Hideo ignora o país que lhe proporciona melhor condição de vida, desclassifica e discrimina outros imigrantes além de desvalorizar a cultura local, marcas essas da prepotência nipônica de Hideo que eliminam a credibilidade de seu discurso.

Conforme Lukács (2011), o importante para o romance histórico é trazer para a literatura a essência da existência das personagens históricas, conseguir evidenciar a realidade histórica, através das personagens ficcionais.

Em *Nihonjin* (2011), temos a figura do imigrante possuidor de sonhos. No primeiro capítulo, a narrativa abrange a saída do Japão até sua chegada ao Brasil, a relação com outros patrícios e a caracterização de sua primeira esposa. Isso identifica o período histórico marcando como se deu a imigração, as primeiras dificuldades e

principalmente a relação entre as variadas nacionalidades de imigrantes em solo brasileiro.

A relação de Hideo com sua esposa Kimie é peça importante para o entendimento da personalidade que irá se apresentando sobre Hideo. São essas personagens que vão introduzir o leitor na atmosfera histórica do período narrado. Assim identificamos o que Lukács (2011, p.63) contempla: “A tarefa do romancista histórico é figurar da maneira mais rica possível essa interação concreta, que correspondem às circunstâncias históricas da época representada.”

Hideo e sua esposa não figuram simplesmente a si próprios, eles representam toda a comunidade japonesa que veio buscar realizar seus objetivos em terra distante. Kimie é uma personagem interessante e importante do ponto de vista humano, pois ela representa a mulher submissa que apenas acompanha seu marido. Sua melancolia, sua traição e, posteriormente, a desistência de viver, configuram o caráter dramático da primeira parte da história.

De madrugada aumentou a febre. Quis ver a neve. Hideo roncava ao seu lado. Levantou-se, caminhou até a porta da sala e a abriu. A neve cobria a terra. Saiu, correu até o cafezal, correu entre os pés de café, sentindo a neve cair sobre sua cabeça, sobre seus ombros. Correu durante muito tempo, estrela do espetáculo, abrindo os braços, ela, que sempre preferia ficar na janela. Finalmente, quando se cansou, sentou-se na terra fria. A morte chegou lentamente. Há quanto tempo morria? Tranquila, congelada pela neve, congelada pelo sol. (Nakasato, 2011, p.43).

Assim finaliza a trajetória de Kimie. A personagem enriquece a narrativa fornecendo ao leitor a perspectiva feminina histórica cultural japonesa. Além disso, fornece um perfil que servirá de parâmetro com a segunda esposa de Hideo. Dessa maneira, a primeira esposa representa o início da reflexão da personagem principal, que se apresenta de forma sutil quando ele relembra e conta essas passagens ao seu neto. Após a morte de sua primeira esposa, Hideo se vê obrigado a formar nova família para permanecer empregado na fazenda. Novamente ele reflete sobre sua vinda ao Brasil sem jamais cogitar culpar o imperador por essa luta. Ele casa-se com Shizue, dessa vez com uma mulher mais “forte” que Kimie, segunde ele.

A partir daí a personagem começa a mostrar sua luta contra as irregularidades nas fazendas de café. Hideo eleito como porta-voz da comunidade, pois não tinha receio de dizer o que tinha que ser dito, era um líder e todos o reconheciam como tal. Até que recebe uma carta do Japão, que anunciava a morte de sua mãe. O



personagem até então caracterizado como frio e duro, desmancha-se em pedaços: “eu vi ojichan chorando no meio da horta, solitário, iluminado pela lua, abraçado ao cabo da enxada (...)” (NAKASATO, 2011, p.58). Essa é a composição marcante da personagem histórica coadjuvante que Lukács (2011) identifica em Walter Scott (1814). São personagens apresentados como líderes, lutam por alguma causa, mas não são romantizados como figuras em um pedestal, ao contrário, são retratados com suas virtudes e fraquezas, boas e más qualidades.

A grande personagem histórica, no papel coadjuvante, pode gozar plenamente a vida como ser humano, aplicar na ação todas as suas qualidades grandiosas e mesquinhas; porém, no enredo, ela é figurada de modo que só age, só chega à expressão de sua personalidade em situações historicamente importantes. (LUKÁCS, 2011, p.64)

Hideo é a personagem que enfrenta os administradores da fazenda, que vai argumentar o porquê da exploração. Sua luta descreve a situação dos imigrantes estrangeiros nas fazendas de café, por suas divergências com os colonos. Ele procura um sítio para arrendar e parte para uma nova jornada, proporcionando a sua família a renovação da esperança. Hideo um revolucionário. Esse é o aspecto que Lukács (2011) difere entre as epopeias antigas e o romance histórico:

No mundo do romance histórico, as coisas não são assim. Nele, o “indivíduo histórico-mundial” é visto socialmente como partido, como representante de uma das muitas classes e camadas em conflito. Mas, além de cumprir sua função de cume e coroamento do mundo ficcional, ele também deve – de maneira muito complicada e pouco direta – tornar direta ou indiretamente visíveis os traços progressistas gerais de toda a sociedade, de toda a época. (LUKÁCS, 2011, p.66)

Hideo é representante da luta dos imigrantes em fazendas de café. Ele não representa apenas os japoneses, mas também os italianos, os alemães e os negros que viviam em mesmas condições que ele, explorados por seus patrões. Sua posição em procurar mudar a situação e enfrentar a política local e até mesmo a xenofobia quando foi preso arbitrariamente como ele menciona é o que podemos constatar como traço progressista, pois ele não se deixou ser explorado e discriminado.

A próxima batalha de Hideo apresenta-se na relação com seus filhos. Há dois deles que marcam bem o conflito existente. O primeiro, Haruo, frequenta a escola rural. Lá enfrenta as primeiras frustrações ao ser chamado de japonês e não pelo seu nome. Era um menino esperto, questionador e observador. Diante do impasse de ser filho de japonês e ter nascido no Brasil, o menino revela ao seu pai que seu coração

é brasileiro. Para seu pai a afirmativa funciona como uma apunhalada, Hideo um homem nacionalista não permitiria jamais que seu filho virasse as costas para sua cultura natal. Passa então a puni-lo rigorosamente.

— Haruo, você precisa aprender a ser nihonjin!  
Sentindo a pele ardendo, Haruo ouvia as palavras do pai e não conseguia entender como alguém podia aprender a ser nihonjin. A professora lhe disse que se nascia brasileiro ou japonês, dependia do país onde ocorria o nascimento. Não era algo que se pudesse aprender. Mas não poderia dizer isso ao pai. Era o que aprendia com o yaito: não poderia dizer ao pai o que ele não queria ouvir. (NAKASATO, 2011, p.68)

As punições com queimaduras e até expulsão de casa não surtem efeito. Ao contrário, transformam Haruo num menino cada vez mais obstinado e forte diante de seu pai. Já seu pai, que é apresentado como severo e rigoroso, não poupou o filho de seus castigos e tentou manter-se firme até que percebeu que, por estar no Brasil, nem mesmo os castigos teriam a mesma função, afinal Haruo procurara abrigo na casa de Italianos, e, desta maneira, as imposições foram alteradas, Além de passar uns dias na casa dos italianos, recebeu de sua mãe mudas de roupa e de seu pai o material escolar para poder ir à escola.

É dessa maneira que o autor traz pra obra as nuances que vão introduzindo lentamente a transformação da personagem. Hideo um homem nacionalista, severo e rigoroso, mesmo diante da afronta de ver seu filho ignorando a cultura japonesa, não retira o menino da escola brasileira, porque pensa em seu futuro, assim como a prática do kinshin<sup>3</sup> não é levada a rigorosidade da mesma, pois Haruo obtém troca de roupa, abrigo e até a condição de poder frequentar a escola.

Percebe-se que, embora Hideo venha de uma cultura formada e luta para mantê-la, sua identidade vai mudando conforme seus filhos vão colocando a prova suas diferenças culturais. Afinal eles haviam nascido no Brasil, um país culturalmente diferente do Japão. A construção de identidade dos filhos é parte da transformação da identidade do pai.

Assim como na obra de Scott, temos não só a transformação do herói mediano mas também a figuração do seu eu:

Ele nos familiariza com as peculiaridades históricas da vida psicológica de sua época não por meio da análise ou da explicação psicológica de seus conteúdos mentais, mas pela ampla figuração de seu ser, pela demonstração

---

<sup>3</sup> Kinshin – castigo; penitência

de como as ideias, sentimentos e modos de agir crescem a partir desse solo. (LUKÁCS, 2011, p.69)

Sua filiação a Shindo Renmei, a Liga do Caminho dos Súditos, se dá por diversos fatores decorrentes da ditadura existente no período. Não podiam ter livros escritos em japonês, não podiam falar nem rezar em japonês, dessa forma acreditavam que Getúlio Vargas queria que os japoneses traíssem sua pátria. A organização representava para Hideo manter-se firme e fiel ao imperador.

Para os integrantes da seita havia três tipos de japoneses: os discípulos do imperador, que eram os que faziam parte da Shindo Renmei; os covardes, que, por medo de represálias por parte do governo brasileiro, não se afiliavam e, por fim, os traidores, que agiam como se fossem *gaijin*. Esse último causava uma espécie de vergonha em Hideo, pois ele considerava seu filho Haruo como um traidor.

Um dos grandes efeitos ficcionais da obra, ocorre quando o autor figura as crises de identidade cultural principalmente entre Hideo e seu filho Haruo, mostra a grandeza humana que se desnuda em suas condutas e exposição de pensamentos. Parte daí a significativa narrativa de como irá ocorrer o desfecho entre pai e filho.

Haruo guardava o recorte do artigo como uma relíquia e o lia: “Os brasileiros descendentes de japoneses têm uma grande responsabilidade perante a nação brasileira...Como podemos amar a terra de nossos antepassados? Se nem a conhecemos? Podemos ter quando muito um sentimento de respeito pela pátria de nossos pais, mas nunca a ideia de patriotismo pela terra dos crisântemos.”

— É um moleque! – dizia Hideo ao se referir a Cassio.

— Mas o Japão é tão longe, papai. — arriscava Haruo.

Hideo sem vacilar: — Haruo, não seja impertinente! O espírito não conhece distâncias! E o nosso espírito é japonês! (NAKASATO, 2011, p.95)

Conforme observou Lukács (2011, p.72), é por essa forma da figuração humana e histórica que Scott dá vida à história, pois representa a história como uma série de grandes crises. Logicamente a crise entre pai e filho não é uma crise revolucionária de grandes guerras, mas representa uma crise cultural fortemente existente nesse período histórico.

O conflito paterno é justamente a dificuldade em reconhecer que Haruo seu filho, é exatamente obstinado e teimoso como ele próprio, e esse reconhecimento de que a semelhança é a principal desavença entre ambos é ponto relevante na transformação da personagem.

O segundo conflito, é com a filha Sumie, Hideo veste sua armadura e corta os laços definitivamente. Nem mesmo no leito de morte de sua esposa consegue permanecer no mesmo local que a filha. Sumie é uma moça obediente, por respeitar seu pai e as tradições japonesas. Casa-se Ossamu, embora apaixonada por um brasileiro. Porém, após anos de casamento reencontra seu antigo amor, Fernando. Esse reencontro faz Sumie perceber que jamais deixou de amá-lo e que não estava feliz em seu casamento.

Em um ato de coragem ou de loucura, Sumie foge abandonando seus três filhos e seu marido Ossamu. A cena retrata uma mulher distante, reflexiva sobre o que era sua vida, quem eram seus filhos e marido, sua relação com eles. Sua partida causou grande mágoa em toda sua família, principalmente em seu pai, marido e Noboru, seu filho mais velho. Os dois primeiros, mais por questões culturais, já seu filho, pelo abandono materno, pelo sentimento de ter perdido o convívio e carinho da mãe.

Lukács (2011, p.80) fala sobre a concepção humana e moral que as personagens de Scott conservam na fidelidade histórica. Ou seja, ele não cria personagens que fogem da época histórica retratada. Sumie possivelmente por ter nascido em um país diferente da cultura de seus pais, constitui a oposição cultural e conflitante não de sua época, mas da cultura imposta por seu pai.

Na passagem abaixo não fica explícito se seu pai e seu filho Noboru, um dia foram visitá-la, comprovando que o conflito fora bastante profundo.

Eu sabia, e sabia que ojichan também sabia, que não era torpor, era antes uma sensibilidade compartilhada, um silêncio povoado. Minha mãe estava ali, de algum modo, vendendo porcelanas e hashis de bambu no bazar da rua Conde de Sarzedas [...]

Por fim rompi o silêncio:

— Eu sei onde ela mora.

— Eu também sei. (NAKASATO, 2011, p.175)

Esse conflito comprova a fidelidade histórica da concepção humana e moral das personagens. Sumie, Hideo e Noboru são três gerações dividindo o mesmo espaço, seus valores morais divergem nesse encontro no tempo.

Não bastassem os conflitos familiares e culturais devido a imigração, Hideo por, sua convicção patriótica, era filiado à organização Shindo Renmei “Liga do caminho dos súditos” (organização fundada por imigrantes ex-militares do exército imperial japonês no Brasil). A organização agia ostensivamente sobre os japoneses

que acreditavam que o Japão realmente tinha perdido a Segunda Guerra Mundial. Por esse motivo Haruo, filho de Hideo, era um dos japoneses ameaçados. Haruo havia publicado sobre a rendição do Japão em um artigo no jornal. Esse fato levou Haruo a ser alvo da seita, seu muro foi pichado demarcando que seria morto. Ao ver os dizeres “Lave sua garganta, traidor” (NAKASATO, 2011, p.131) logo pensou que a ameaça pudesse vir de seu pai, levando o leitor a entender a fragilidade desta relação.

Hideo não acreditou nas palavras de Satoko. Adivinhou o filho escondido na chácara do sogro, em Marília, e assim era melhor, *porque em sua casa não teria abrigo*, porque ele, ao trair a pátria, traía o pai, e ambos, pai e pátria, não o perdoariam. (NAKASATO, 2011, p.142 grifo meu)

O recorte acima confere a rigorosidade do pai em relação ao filho, porém em seu coração a apreensão de pai existia. Hideo foi ao esconderijo do filho alertá-lo sobre o perigo, insistiu que o filho fugisse para outro lugar e não voltasse mais, porque na casa do pai o filho não seria bem-vindo. Mais tarde os tokkotais<sup>4</sup> chegaram para matar seu filho, ele sabia que, antes de ser pai, era súdito do imperador, e deveria agir com um devoto deste, porém, seu sentimento era de pai, apenas de pai.

— Senhores, eu também sou súdito do imperador. Mais que isso, eu sou membro da Shindo Renmei, e os ideais que movem as minhas ações são os mesmos que trouxeram os senhores aqui, por isso não posso pedir que aceitem o comportamento de Haruo. Eu mesmo não o aceito. Na minha própria casa ele não será mais bem-vindo. Mas peço que deixem ele partir, suplico pela sua vida, e prometo que meu filho nunca mais fará nada que viole a dignidade do povo japonês. (NAKASATO, 2011, p.158)

Haruo foi morto com dois tiros, Hideo passou a conviver com a tristeza e o sentimento de culpa, pois possivelmente ele fora seguido até o local onde o filho encontrava-se. Conforme Lukács (2011), Hideo e Haruo seriam as personagens de destaque e de importância histórica, pois eles retratam o caráter complexo da vida, retratam aqueles personagens historicamente importantes na sua forma abstrata, por sua concentração em um evento histórico singular, os assassinatos na comunidade nipo-brasileira.

Nota-se que Nakasato (2011), constrói seu herói mediano similar ao que Lukács (2011, p.95) observa em Walter Scott (1814) “[...] transformando um “herói mediano” em personagem principal e conferindo à figura histórica significativa um caráter episódico, essa forma de composição surge do parentesco com seus sentimentos em relação à vida.”

---

<sup>4</sup> Tokkotai - Assim eram chamados os soldados do Imperador

Hideo não é um grande herói, não lutou batalhas significantes para narrativas históricas, nem venceu uma grande guerra. Hideo é a personagem que lutou por suas convicções, guerreou por seu país para manter um sentimento patriótico nipônico dentro de sua família, e diferente dos grandes heróis, Hideo perdeu suas batalhas.

É através de Hideo, a personagem mediana que percebemos a figura significativa do imigrante dentro da história do Brasil. É a partir dessa personagem que viajamos para uma época em que os nipo-brasileiros viveram uma guerra, uma guerra de sentimentos, uma guerra cultural, uma guerra de ego. Tínhamos um mito como imagem: o povo nipônico eternamente unido. Mas a história revela um segundo lado, a própria personagem luta incansavelmente pra manter essa raiz, e reconhece que os japoneses estavam se matando.

Agora, quando se espera um período de paz após o fim da guerra, vemos nipo-brasileiros se voltando contra nipo-brasileiros, numa violência absurda. Morre, assim, o mito do povo eternamente unido. Os conflitos surgidos após o fim da guerra resultam do amadurecimento de uma parcela desse grupo e a resistência de outra em se manter quistos raciais, indiferente à realidade brasileira e mundial. (NAKASATO, 2011, p.146)

Ao traçarmos a trajetória de Hideo veremos um japonês que chegou ao Brasil convicto de seus objetivos, atender seu imperador levando recursos ao Japão. A personagem se destaca positiva e negativamente. O aspecto positivo do Hideo inicial é sua convicção, seu modo de pensar positivo, sua maneira de enfrentar os problemas e seguir focado no que veio proposto a fazer. No aspecto negativo temos um Hideo que colocou seu objetivo acima de tudo, esquecendo-se até mesmo da sua esposa Kimie, afinal ela era fraca pro trabalho braçal e isso era considerado um peso para Hideo. Além disso, o mesmo externava seu preconceito para com outros imigrantes e até mesmo em relação ao país que o acolheu. Conforme a narrativa vai se desenvolvendo vamos percebendo a transformação da personagem Hideo quando conta suas memórias ao neto, assinalando os traços de arrependimento.

As memórias de Hideo são diferentes no início e no penúltimo capítulo do livro. O que antes era contato com ênfase com orgulho passa a ser contado com pesar. Percebe-se assim que as lutas de Hideo foram perdendo brilho, seu objetivo nunca fora alcançado, sua mãe morreu sem ver o rosto do filho, nunca levou os recursos ao Japão, e seu imperador divino não era divino e se rendeu. Comprova-se

isso quando Hideo diz a Noboru: “[...] o meu furusato<sup>5</sup> não existe mais”. (NAKASATO, 2011, p.169)

No último capítulo do livro temos o diálogo entre neto e avô, que revela um ciclo praticamente interminável a que a primeira migração deu início. Noboru anuncia que fará a trajetória inversa do avô, irá ao Japão trabalhar em uma fábrica. Noboru reflete o que os amigos marxistas pensariam sobre sua decisão e por isso ainda não lhes havia contado, e também não sabia se contaria, ou melhor, não sabia como contar. Mas o que para muitos era apenas uma busca por questões materiais, para Noboru era muito além disso, era de certa forma retornar pra casa, levar seu avô pra casa, pisar no solo que faz parte de suas raízes, era um reencontro. Assim, dirige-se à casa de seu tio Hanashiro para despedir-se dele e de seu avô.

Enfim, Hideo assume que no período pós guerra ele chegou a pensar que talvez Haruo e os outros makegumes tivessem razão, mas não se permitia assumir. Ele gostaria de ter tido chance de dizer ao filho que reconhecia seu erros. Suas últimas palavras na obra são profundamente sinceras. Com isso, o autor finaliza a transformação da personagem. Mostra que Hideo passou por estágios, que o transformou, os eventos vão moldando-o até adquirir compreensão de que seus filhos eram parte independente dele, e que julgá-los e condená-los tinha sido um equívoco.

A estética na obra *Nihonjin* (2011) contribui dando humanidade à narração, a flexibilidade das personagens proporcionam a aproximação com o leitor, é facilmente compreensível cada personalidade, cada sentimento, cada razão por ser. Todas as personagens transmitem suas características culturais e particulares intrínsecas, de forma ser perceptível o caráter humano em cada uma delas. Assim, a essência de cada personagem foi impressa em cada página.

### **3 UMA TEMÁTICA E DUAS VISÕES**

O romance é um gênero literário narrativo que surgiu no século XVII no formato moderno; é um texto híbrido pois mescla variados estilos e linguagens. Seu discurso é formado por narrativas longas que vão descrevendo vários ambientes,

---

<sup>5</sup> Furusato: terra natal, local do nascimento (de origem) Fonte: Michaelis Dicionário Prático Japonês-Português – Editora Melhoramentos

criando uma identidade peculiar a cada personagem, e é nessa caracterização que surgem as personagens fictícias e ou representantes de uma realidade já existente. Os romances são construídos em torno da trama, usam uma linguagem variável, de acordo com o que está sendo narrado. O romance pode ser fictício, misturar ficção com realidade, ou ainda ser construído unicamente a partir de fatos reais. Portanto, buscaremos compreender como um mesmo tema é narrado em dois subgêneros do romance: o romance histórico e o romance-reportagem, obras *Nihonjin* (2011) e *Corações Sujos* (2000) respectivamente.

O filósofo Lukács (2011) considera que a vida humana é o próprio processo histórico, que a relação homem conflito é a força motriz da história, que a configuração da sociedade é o reflexo inegável do seu contexto histórico. Dessa forma, as personagens possuem carga ideológica e representativa da história marcante; não são apenas objetos ficcionais, mas são o resultado e a compreensão de como foi o contexto histórico do período em evidência.

Cosson e Schwantes (2005) dizem que o que faz uma obra ser considerada como romance histórico é a presença da história como parte constitutiva da obra, ou seja, quando as personagens e os episódios conhecidos como histórico não podem ser retirados da obra, porque o romance tornar-se-á outro. Considera-se que a história faz parte da constituição desta obra, configurando nesse caso um romance histórico.

Dessa forma, a obra *Nihonjin* (2011), de Oscar Nakasato, é compreendida como romance histórico por agregar aos seus personagens uma carga ideológica e representativa da história pois são o resultado e a compreensão de como os imigrantes japoneses chegaram ao Brasil e lidaram com as transformações culturais inevitáveis. Além disso a personagem principal, Hideo, é quem evidencia a relação conflito mencionada por Lukács (2011), pois suas ideologias e cultura enraizada são o que causam o confronto com os filhos aqui nascidos. Essas divergências de ideias constroem o conflito familiar na obra.

Já seguindo o conceito de Cosson e Schwantes (2005), tanto a personagem quanto os episódios sobre a rivalidade dos dois grupos japoneses são parte constitutivas da obra não podendo ser alteradas pois desfigurariam a narrativa, pois ela retrata todo o processo de um povo que migra de seu país para conseguir recursos e retornar à sua pátria.



Sobre a construção da personagem, conforme Candido et al. (2009), a personagem de ficção é o que há de mais vivo no romance, o que cria o vínculo entre o leitor e a obra, é a relação entre o ser vivo e o ser fictício manifestada através da personagem sendo a concretização deste. Acredita-se que não há personagem fictício que não tenha uma mínima partícula baseada em algum outro personagem sendo este também fictício ou real. A construção da personagem é algo que vai além da mera criação, é como moldar um barro em que as marcas da do tempo, do ambiente, da inspiração, da qualidade do material, tudo isso junto é que vai construindo o objeto

É deste modo que a personagem Hideo e seus filhos criam uma forma humanizada e vão aproximando o leitor, diferentemente do romance-reportagem que apresenta o contexto histórico de forma mais fria, uma narrativa direta e realista, com um maniqueísmo marcante. A partir dessa pequena introdução iremos compreender então sobre o segundo romance *Corações Sujos* (2000).

O romance-reportagem é um gênero bastante utilizado por jornalistas. É dessa forma que eles contam de forma mais profunda um fato ocorrido. Fernando Moraes, autor de *Corações Sujos* (2000), já tem em seu currículo outras obras do mesmo gênero como por exemplo *Olga* (1985), e algumas adaptadas para o universo cinematográfico, como é o caso do livro que estamos trabalhando *Corações Sujos* (2000).

Segundo Cosson (2001), o romance-reportagem é um gênero autônomo situado entre dois discursos, o literário e o jornalístico. É o processo de verossimilhança entre personagens e pessoas reais que dá forma ao romance-reportagem.

As cenas nesse subgênero trazem à obra uma característica realística que proporciona ao leitor um contato maior com o fato descrito, que muitas vezes em uma reportagem simples como em um jornal não cabe essa dimensão de detalhes, frequentemente desencadeando a curiosidade sobre os acontecimentos.

Como já mencionado no primeiro capítulo, de acordo com Lima (2004), a principal virtude do livro-reportagem é a sua capacidade para preencher as lacunas deixadas habitualmente pela cobertura jornalística na sua abordagem do real. Nesse aspecto, o livro-reportagem amplia de certa forma a função comunicativa. Podemos inferir então que, de alguma maneira, o jornalismo cria uma característica que molda-se ao tipo de texto e linguagem com o objetivo de ser mais consumido.

Diante dos pressupostos das características presentes em cada subgênero do romance, abriremos então a discussão que nos é relevante à nossa pesquisa, que é o fato de um mesmo contexto histórico presente em ambas as obras tornar-se mais humanizado no romance histórico e mais rígido no romance-reportagem.

### 3.1 ASPECTOS DIVERGENTES NOS SUBGÊNEROS

Um romance segundo Lukács (2000, p. 71) “é a forma da virilidade madura: isso significa que a completude de seu mundo, sob a perspectiva objetiva, é uma imperfeição, e em termos da experiência subjetiva uma resignação.”

*Nihonjin* (2011) traz um narrador pertencente ao contexto narrado, que faz parte do seio familiar. Essa relação existente entre o narrador e a narrativa é um dos pontos principais que a tornam mais humanizada. “*Ojiichan* sorriu, e eu disse a mim mesmo que às vezes sabia fazer a coisa certa” (NAKASATO, 2011, p. 170). Diferentemente, em *Corações Sujos* (2000), o narrador é uma figura distante. Relata os acontecimentos de forma fria trazendo o drama a partir dos discursos diretos introduzidos no texto. Essa função alternada na obra é o elemento que proporciona o aspecto sentimental.

O romance histórico *Nihonjin* (2011) se inicia com o contexto da chegada dos imigrantes, relatando a dura jornada, a dificuldade cultural e o sistema de trabalho a qual os japoneses estavam submetidos. A seguir, a personagem principal narra como conheceu sua primeira esposa: “Eu a encontrei, primeiro, no navio, na longa viagem do porto de Kobe, no Japão, ao porto de Santos, no Brasil”. (NAKASATO, 2011, p. 11). Ainda nesse primeiro capítulo, mostra que Hideo também teve que lidar com a fragilidade da esposa doente, e posteriormente com sua morte. “Finalmente, quando se cansou, sentou-se na terra fria. A morte chegou lentamente. Há quanto tempo morria? Tranquila, congelada pela neve, congelada pelo sol.” (NAKASATO, 2011, p. 43).

Já o romance-reportagem *Corações Sujos* (2000) abre-se com o pronunciamento da derrota do Japão sendo ouvida na comunidade japonesa: “Foi como se tivesse jogado sal na ferida que a rendição, ocorrida em agosto do ano anterior, havia aberto na alma dos japoneses.” (MORAIS, 2000, p. 10). Logo em seguida relata os primeiros conflitos entre brasileiros, japoneses e autoridades. “Perdeu o juízo, japonês? Se você está pensando que vai entrar aqui para soltar os

presos, pode tirar o cavalo da chuva! Antes disso eu varo metade com a baioneta e passo fogo no resto!” (MORAIS, 2000, p.15)

Percebe-se que as narrativas iniciais são o que irão conduzir o enredo até o final de cada livro. Dessa maneira, as direções ao longo das quais os eventos progridem no romance são encadeamentos que os autores realizam a partir do objetivo-foco particular do subgênero.

O segundo capítulo do livro *Nihonjin* (2011) trata do segundo casamento de Hideo Inabata, do nascimento dos filhos e do distanciamento do objetivo inicial. Ainda assim, mostra que Hideo nunca culpou o imperador por estar em terras brasileiras. Ao contrário mostra um homem determinado, lutando para adaptar-se a nova vida. Fecha-se esse capítulo expondo o lado sentimental da personagem Inabata. Ele cai em meio a lavoura chorando a morte de sua mãe.

O segundo capítulo do livro *Corações Sujos* (2000) traz o rompimento de relações entre o Brasil e o Japão, o qual transformou a vida da colônia em um inferno. Começa um período de privações. Japoneses começam a ser proibidos de atividades simples, como a de falar com seus patriotas em seu próprio idioma. O sentimento antiestrangeiro também aumenta, alimentando ainda mais o conflito. Para piorar o panorama, japoneses afirmam que o Japão ganhou a guerra. “Mas o Japão não foi derrotado. O Japão venceu a guerra.” (MORAIS, 2000, p.81). A narrativa configura-os como pessoas alienadas.

Assim, percebe-se que o autor de *Nihonjin* (2011) construiu o segundo capítulo explicando como e porque Hideo casou-se novamente. E embora durante a narrativa tenha mostrado um Hideo duro, mas também convicto de suas atitudes e ideias. Finaliza o capítulo demonstrando um homem sentimentalista, saudoso de sua mãe e da sua terra natal. Chorando por alguém que ele jamais iria ver novamente. O efeito no leitor é de impressão de alguém que se distanciava cada vez mais de seu sonho.

Por outro lado *Corações Sujos* (2000), traz a narrativa jornalística. Reconta os acontecimentos das imposições aplicadas pelo governo de Vargas. Apresenta os comunicados emitidos na época e também fotos dos jornais publicados neste período. Não há traços que proporcionem ao leitor um afloramento sentimental positivo em relação aos japoneses. O momento em que as restrições são impostas poderiam de certa forma penalizar o leitor, porém, o autor logo em seguida explicita que os japoneses acreditavam fielmente que o Japão havia vencido a guerra. E não bastando

essa crença alienada, Morais (2000) narra sobre o *kachigumi*<sup>6</sup> Shobei Yassuda. Este havia ameaçando de morte os japoneses que se dedicavam à plantação de hortelã e ao cultivo de bicho-da-seda. Pois afirmava que ambas as atividades forneciam matéria-prima para a guerra. Também conta a trajetória do coronel Kikawa, peça chave na fundação da *Shindo Renmei*<sup>7</sup>. Tudo isso impossibilita que haja empatia com a causa dos *kachigumi*.

O terceiro capítulo de *Nihonjin* (2011) apresenta a história de Haruo, um dos filhos de Hideo. Esse capítulo demarca bem os conflitos culturais entre pai e filho. Pai japonês e filho brasileiro, um dilema cultural que proporciona ao leitor um questionamento de valores. Embora, possamos distanciar da personagem Hideo por suas atitudes severas em relação ao filho, ainda assim, é possível compreender a dureza de seus atos. Compreensível se lembrarmos toda a trajetória de migração que esta personagem havia passado. Hideo estava perdendo toda sua raiz cultural ao descobrir que nunca mais iria voltar ao Japão, e que seus descendentes haviam nascido no Brasil. Embora nossa percepção ocidental aproxime-se mais da empatia por Haruo, ainda assim compreendemos o exagero do pai em tentar fazer seu filho ser um “japonês”.

Diferentemente, o terceiro capítulo de *Corações Sujos* (2000) demarca a rivalidade dentro da colônia japonesa, datada em 15 de agosto de 1945, quando definitivamente a comunidade entrou em “guerra”. *Kachigumi* passam a falsificar comunicados do Japão, propagando a mentira e disseminando a discórdia na comunidade. Não bastasse o conflito interno da comunidade, os *kachigumi* festejam a vitória do Japão. Esquecendo-se que suas celebrações além de infundadas, ofendiam o povo brasileiro, pois, muitos brasileiros haviam morrido em guerra.

Dessa forma, a comunidade brasileira revolta-se e ataca o local onde os japoneses estavam concentrados festejando. Dezenas de feridos são levados ao hospital. A partir do final desse capítulo até o capítulo cinco o autor conta como a *Shindo Renmei* planeja e executa o assassinato dos *makegumi*.<sup>8</sup> Inicia-se o período do terror.

---

<sup>6</sup> Kachigumi: “vitoristas” grupo dos que acreditavam na vitória do Japão

<sup>7</sup> Shindo Renmei: “Liga do caminho dos súditos”. Organização fundada por imigrantes ex-militares do exército imperial japonês no Brasil.

<sup>8</sup> Makegumi: “derrotista” grupo dos que sabiam que o Japão havia perdido a Guerra.

Com isso, é possível entender que, enquanto o livro *Nihonjin* (2011) trazia a introdução para compreendermos o drama cultural da personagem Hideo, o livro *Corações Sujos* (2000) tratava o assunto de forma direta. Embora, também tenha apresentado informações pessoais do fundador da seita. Essas informações pareciam uma espécie de confirmação daquilo que o livro estava relatando. Afinal, Kikawa já era um homem fichado pela polícia brasileira.

Mexendo nos arquivos do DOPS, o delegado Saad descobriu que Kikawa não era marinheiro de primeira viagem: em abril de 1942, dois anos e meio antes, portanto, ele havia sido preso por “ameaça de represálias contra o Brasil” – sem que a ficha esclarecesse exatamente o que vinha a ser aquele crime. Identificado criminalmente, fora libertado poucos dias depois. (MORAIS, 2000, p.74)

Dessa maneira, fica compreensível que por estes motivos a personagem Hideo torna-se do ponto de vista do leitor uma personagem mais humana, mais próxima daquilo que buscamos entender. Ao contrário, as personagens como Kikawa, tornam-se mais distantes. Há um aspecto frio, um distanciamento entre o evento, o leitor e o narrador. Pode-se comparar ainda a forma como o narrador em *Nihonjin* (2011) relata que a personagem Hideo também já havia sido presa. O assunto sobre a prisão é trazido por uma das noras, em meio a uma reunião familiar. Bisnetos se orgulham da garra do bisavô. “*Hiojichan*<sup>9</sup> não foi preso porque roubou ou porque matou, foi preso porque lutava por um ideal.” (NAKASATO, 2011, p.82) Os filhos também relembram a história, deixando claro que o pai fora preso por uma briga estúpida iniciada por um brasileiro de atitudes xenófobas.

Havia a guerra e as pessoas pareciam estar enlouquecendo. Sempre entendera a cadeia como punição para quem matava ou roubava, era o que não podia fazer no Brasil ou no Japão, em qualquer lugar, e então a polícia começava a prender nihonjin porque nihonjin era nihonjin. (NAKASATO, 2011, p.88)

O capítulo seis da obra *Nihonjin* (2011) é o capítulo que faz maior diálogo com a obra *Corações Sujos* (2000). Trata do conflito que abateu a comunidade japonesa no Brasil. “Lave a sua garganta, traidor”. Essa é a mensagem deixada pelos *kachigumi*, nos muros das casas dos *makegumi* marcados para morrer.

Haruo fora escolhido como próxima vítima. O motivo era o artigo que publicara no jornal havia dois dias. O drama surge a partir do momento em que o próprio filho

---

<sup>9</sup> Hiojichan: bisavô

desconfia que seu pai tenha feito tal ameaça. Mas este não tinha participação no evento. A obra *Nihonjin* (2011) leva ao leitor entender o raciocínio dos *kachigumi*:

Hideo seguiu falando, agora sobre como se enganava o filho em propagar a derrota do Japão na guerra, o que era uma grande mentira inventada pelos Estados Unidos para defender seus interesses comerciais e mesmo a sua honra. Censurou Haruo por causa da sua interpretação totalmente equivocada que dava ao édito imperial. Disse que, se o Japão realmente tivesse perdido a guerra, o imperador não estaria vivo, pois teria se suicidado, bem como outros milhões de japoneses, provavelmente até ele, Hideo Inabata, que teria cometido *haraquiri* se tal tragédia se abatesse sobre o império. (NAKASATO, 2011, p.152)

A cena da morte de Haruo proporciona ao leitor conflitos emocionais, compreendido pela indignação da possibilidade do próprio pai ter sido seguido pelos seus companheiros e assim terem achado Haruo. Ao mesmo tempo um sentimento de incompreensão diante da passividade e ingenuidade de Haruo. E por outro lado a punição que o evento impunha sobre Hideo, afinal seu filho fora assassinado em sua frente, pelos seus companheiros de ideais. Portanto, quando a personagem Hideo, demonstra claramente que acima do sentimento patriótico estava o sentimento de pai. O autor desconstrói a rudez de Hideo trazendo a humanização da personagem.

Já em *Corações Sujos* (2000), quando a morte de Wakiyama é relatada, temos um ritual executado pelos membros da *Shindo Renmei*. Primeiramente eles confrontam a vítima entregando uma carta intitulada “Conselho para suicídio”. Após a vítima alegar-se inocente e recusar suicidar-se, os membros da *Shindo Renmei* sacam sua arma e disparam à queima roupa tiros que ceifam a vida do *makegumi*. Diante do corpo batem continência. “Afinal a ação que terminara com a morte de Wakiyama fora realizada ritualisticamente e o morto tivera a oportunidade de fazer o *haraquiri*<sup>10</sup>.” (MORAIS, 2000, p.200)

Diante do que eles achavam estar apenas agindo com justiça, não havia motivos nem para se esconder, logo saíram do local do crime e foram entregar-se na delegacia, configurando assim a delirante convicção dos *kachigumi*.

Percebe-se que a narrativa em *Nihonjin* (2011) apresenta o assassinato configurado em um ambiente dramático da discussão de relação entre pai e filho. A cena relata uma espécie de despedida entre eles, com a promessa de vida que o filho

---

<sup>10</sup> Haraquiri: entre os japoneses, suicídio de honra e que consiste em o suicida abrir o próprio ventre.

faz à família. E por fim, da compreensão por parte do leitor, de que o pai irá carregar essa culpa até o fim de sua vida.

Por outro lado, em *Corações Sujos* (2011) Wakiyama surge apenas como mais uma das mortes. Mesmo ele também tendo sido assassinado diante de seus familiares, a penalização ocorre muito brevemente por parte do leitor, afinal não há um vínculo com a história e trajetória desta personagem. O foco do leitor é totalmente direcionado apenas para as ações da Shindo Renmei, portanto o sentimento que surge não é de sentimentalismo em relação à vítima, mas sim o de revolta em relação à seita.

O capítulo cinco do livro *Corações Sujos* (2000) é todo envolto pelos assassinatos cometidos pela *Shindo Renmei*. O autor comenta o atrevimento da seita em executar três pessoas em menos de 24 horas. Assim como a frieza dos *tokkotai*, a cada morte comemorando suas ações. “*Yatta! Yatta!* [Matei! Matei!] (MORAIS, 2000, p.204).

Tudo isso seguido de fotos, recortes de jornais, transcrição de mensagens e discursos diretos, o que ajuda a recriar a atmosfera hostil do período relatado, proporcionando assim ao leitor uma espécie de partidatismo, direcionando-o a criar a expectativa de que a *Shindo Renmei* seja desmascarada e seus membros sejam punidos.

O último capítulo do livro *Nihonjin* (2011) volta-se para o narrador. O neto de Hideo Inabata decide ir para a terra natal de seu avô, fazer a trajetória inversa deste. Seu encontro de despedida com o avô marca um período de reflexão. Hideo diante de tudo que viveu no Brasil, passou a entender, embora sem aceitar que as coisas que não deviam mudar mudam.

A personagem relata sobre como a morte do filho tornou-se um fardo maior após o reconhecimento geral de que o Japão realmente havia se rendido. Também falou sobre sua filha Sumie. Embora não tenha chegado a reconstruir laços, havia no ar uma espécie de entendimento do que só os sentimentos mais profundos conseguem entender e explicar como de fato as coisas são. Há uma espécie de reflexão mista entre neto e avô, um buscando entender seus questionamentos, outro externando o que a vida já havia lhe mostrado.

O tempo só existe porque se fazem coisas, umas após outras, e elas, quando são evocadas, surgem em novas realidades, e então não são as mesmas. Ojiichan sabia. E eu. O passado agora habitava outro espaço, surgia para

justificar o presente, era reconstruído, e não se necessitava ter restauradores, que eles são rigorosos, preocupam-se com milímetros e cores exatas. O tempo é atemporal. (NAKASATO, 2011, p.174)

Os dois últimos capítulos do livro *Corações Sujos* (2000) relatam o tamanho do problema que a comunidade japonesa havia causado no Brasil: “É proibida a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e de qualquer procedência.” (MORAIS, 2000, p.291)

Os crimes da *Shindo Renmei* estavam nas primeiras páginas dos jornais, os políticos aproveitavam o momento para posicionar-se diante da mídia dando voz a seus projetos e suas posições. Os conflitos internos da comunidade japonesa haviam tomado grandes dimensões, envolviam não apenas a “guerra” entre *kachigumi* e *makegumi*. Envolviam também a denúncia social, a corrupção por trás do governo e toda a comunidade brasileira próxima aos eventos. É dessa forma que o livro envolve o leitor a compreender que o conflito não foi restrito a uma questão cultural de uma comunidade estrangeira local, mas sim um conflito que envolvia questões sociais, políticas e econômicas do Brasil.

Diferentemente do final no livro *Nihonjin* (2011), *Corações Sujos* (2000) finaliza com números. O que demonstra o significado investigativo “jornalístico” da obra. Ele entrega ao leitor um resultado objetivo, sem enfoque emocional. Há uma lista de pessoas presas, de pessoas julgadas e de pessoas condenadas. Toda a questão política é comprovada a partir do momento em que nenhum dos condenados chegaria de fato a serem expulsos do Brasil ou cumpriria a pena por completo, visto valerem-se de recursos jurídicos. Assim, aproximadamente após 10 anos, o presidente Juscelino Kubitschek comutou as penas, colocando todos os presos em liberdade. Também não há como em *Nihonjin* (2011) uma espécie de reflexão ou arrependimento por parte dos membros da *Shindo Renmei*. Pois não há relatos se após serem presos compreenderam ou não de que de fato o Japão havia perdido a guerra.

Nota-se então que ambas as obras buscaram uma linha para discorrer sobre o evento. Uma mostrou o aspecto romantizado, com suas explicações, reflexões, flexibilizações e uma conclusão próxima ao campo emocional. A outra mostrou um aspecto investigativo, com suas justificativas, exposições, inflexibilizações e uma conclusão próxima de um relatório, distante do campo emocional. Assim, compreendemos o que Lukács (2000) fala sobre a forma da virilidade madura:



O romance é a forma da virilidade madura, em contraposição à puerilidade normativa da epopeia; a forma do drama, à margem da vida, situa-se além das idades humanas, mesmo se compreendidas como categorias apriorísticas, como estágios normativos. O romance é a forma da virilidade madura: isso significa que a completude de seu mundo, sob a perspectiva objetiva, é uma imperfeição, e em termos da experiência subjetiva uma resignação. (LUKÁCS, 2000, p.71)

Comprovando a virilidade madura do romance a qual Lukács (2000) referiu-se, podemos dizer que a perspectiva objetiva trata-se do conflito narrado, embora ambas as obras tenham transmitido fatos verídicos, cada uma buscou relatá-las à sua maneira imperfeita. Já a partir da experiência subjetiva, resignando-se a outras formas, cada autor recria a estética peculiar do subgênero, assim proporciona aceitação fazendo com que cada romance seja único e compreensível de maneiras distintas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta o que foi observado, nossa pesquisa mostrou que o romance histórico é mais flexível e traz ao texto todo o processo que desencadeou o conflito, minuciando a trajetória de cada personagem, abrangendo seus aspectos psicológicos e contextualizando suas ações de forma a criar uma figura humanizada e, por consequência, vítima de seus próprios atos, crenças e culturas. Já o romance-reportagem apresenta-se inflexível: trabalha o contexto histórico único e linearmente, apontando o aspecto frio do fato decorrido.

Pode-se observar ainda que o romance-reportagem, embora se proponha a retratar um fato verídico, apresenta-se mais focalizado sobre uma temática maniqueísta. Além do mais, encaminha o leitor a criar um estereótipo da figura do japonês como sendo frio, parcial e muitas vezes desprovido de características sociáveis. Não há dúvida de que as duas construções dialogam e ao mesmo tempo suas características flexíveis e inflexíveis distanciam-se, dando forma a romances peculiares que transformam a visão do leitor ao serem lidas, e é nesse aspecto que as tornam romances únicos.

Assim, foi possível compreender que cada obra, a partir do espaço e tempo em que foram criadas, proporciona um entendimento distinto. Pois *Nihonjin* (2011) foi escrito dez anos após *Corações Sujos* (2000), e *Corações Sujos* (2000) é um referencial para o conflito narrado em *Nihonjin* (2011). Portanto, o tempo dos autores e o valor de compreensão destes em relação ao evento são recriados e relatados a partir de suas percepções, ou seja, do espaço ao qual eles pertencem, sendo Nakasato um descendente de japonês e Moraes, um jornalista. Isso proporciona não apenas visualizar suas diferenças, mas a entender que a construção literária está ligada à percepção que temos a partir da posição na qual estamos.

Entender a caracterização dos subgêneros das obras foi de suma importância. Pois foi através destas características distintas em cada subgênero que entendemos o mecanismo de construção que fez o autor levar os leitores a diferentes compreensões do mesmo tema. Comprova-se isso a partir dos elementos identificados por Cosson (2001), que autenticaram a narração no romance-reportagem, pois estes elementos sustentaram toda a percepção da realidade proporcionada ao leitor.

Assim, como no romance histórico, conforme Lukács (2011), o importante é proporcionar à literatura a essência da existência das personagens históricas, conseguir evidenciar a realidade histórica, através das personagens ficcionais.

Para tanto, vimos nesse trabalho que cada obra significa um ponto do passado camuflado no presente. Sendo ambas construções importantes para compreendermos a relação histórica com os eventos em reportagens. Mostram também que a experiência estética literária, resultante das peculiaridades dos gêneros, dos objetivos de seus autores, assim como a construção feita por eles, é que proporciona o nosso deslocamento sensorial do presente ao passado fazendo compreender as histórias de maneira diversa.

## REFERÊNCIAS

- CÂNDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2009. 119 p.
- COSSON, Rildo; SCHWANTES, Cintia. Romance histórico: as ficções da história. In: **Revista Itinerários**, Araraquara, n. 23, p. 29 - 37, 2005. Disponível em: [www.seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/2804/2554](http://www.seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/2804/2554). Acesso em 24 out. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- DEZEM, Rogério. **Inventário Deops: módulo III, japoneses**. Shindô-Renmei: Terrorismo e repressão. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 3.ed. rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2004.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio-filosófico sobre as formas da grande épica**. 1.ed. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades e Editora 34, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011. 438 p.
- MORAIS, Fernando. **Corações Sujos**. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.
- NAKASATO, Oscar. **Nihonjin**. São Paulo: Benvirá, 2011.